

Feira de São Joaquim: potencialidades e limites na visão do setor público.

Autora:
Jéssica Viegas*

Orientadores:
Lúcia Aquino de
Queiroz**
Márcia Mattos***

Resumo

Neste artigo faremos uma reflexão sobre a Feira de São Joaquim, sua história, uma visão geral de seu ambiente, perfil dos comerciantes, clientes, fornecedores.

Veremos a opinião dos órgãos públicos, quanto à feira ser considerada um produto turístico e suas potencialidades para ser além de um centro de abastecimento, também um atrativo para os turistas que visitam a cidade do Salvador.

1. Introdução

A Feira de São Joaquim é um lugar de tradição e começa a virar atrativo turístico de Salvador. Nela encontram-se tipos bem baianos, como vendedores de frutas e verduras, peixeiros, artesãos, místicos, uma gama de produtos, como animais vivos, pescados, objetos de umbanda, cerâmicas, palhas, flores, bares, restaurantes, barbearia, etc. Com 34 mil metros quadrados, divididos em dez quadras com 22 ruas e 7,5 mil feirantes, o lugar ganha fácil da Feira de Caruaru, idealizada em música por Luís Gonzaga, que afirma encontrar no local "de tudo que há no mundo".

* Aluna de turismo, 4º semestre – UNIFACS.

** Doutora em planejamento territorial e desenvolvimento regional, mestre em administração com área de concentração em turismo, coordenadora do curso de turismo.

***Mestre em psicologia, professora do curso de turismo.

A feira baiana chega a ser surrealista, e o visitante pode encontrar ruas específicas, como a do coco, da farinha, das cerâmicas, o porto da cana, de produtos afro-religiosos e indígenas, das frutas, barbearias, dos restaurantes, do camarão, das verduras, dos ovos, das confecções e o largo do quiabo. Tantas são as peculiaridades e os atrativos que o Sindicato dos Feirantes (Sindfeira) está elaborando um documento a Emtursa e Bahiatursa pedindo que a feira seja integrada aos roteiros turísticos da capital e solicitando uma melhor infra-estrutura.

Os turistas estrangeiros e muitos brasileiros adeptos do candomblé têm como parada obrigatória a Rua do Muro do Exército, onde estão concentradas muitas barracas que vendem os produtos ligados a estas seitas. Folhas para abrir caminho, para afastar olho grosso, para conseguir namorado, "prender" homem ou mulher, conseguir emprego, patuás e dezenas de imagens de orixás e santos católicos fazem parte do patrimônio comercial dos experientes vendedores que descobrem o "problema" do cliente em um simples olhar.

Na Feira de São Joaquim as mercadorias chegam antes de clarear o dia. É um imenso mercado, na chamada Cidade Baixa, à beira mar.

Todos os dias é um vaivém. Gente que vende, gente que compra, gente que passeia. Se vende de tudo na Feira de São Joaquim, desde folha para banhos até animais de todas as espécies, passando por pavios de candeeiros e imagens dos orixás da Bahia.

A comunicação entre os feirantes e os clientes é feita de forma direta, pela linguagem verbal. A informação é transmitida no momento e a resposta é dada imediatamente, existe também a comunicação através das placas das mercadorias.

Todas essas formas de comunicação possuem seus impactos que podem ser tanto positivos quanto negativos, mas os impactos em sua maioria têm sido negativos,

fazendo com que seja perceptível a necessidade que principalmente os feirantes têm de participar de um trabalho de conscientização, para que melhor possam atender seus clientes.

Toda essa pluralidade da Feira de São Joaquim pode ser entendida pelo setor público, órgãos relacionados ao turismo, como grande atrativo turístico para os visitantes, mostrando a essência cultural da cidade.

2. A feira

Em São Joaquim existem feirantes que aí estão desde a década de 20; filhos de feirantes, hoje donos de empreendimentos familiares e também antigos empregados, atualmente patrões. Além disso, há um mundo invisível das atividades clandestinas e marginais, das transgressões e estratégias de convivência e/ou sobrevivência diante das mesmas. São Joaquim é assim: tem de tudo. O que está exposto é facilmente negociável: hortifrutigranjeiros, animais vivos, carnes e pescados, industrializados e semi-industrializados, objetos de umbanda, cerâmicas, palhas, flores. Além de serviços de bares e restaurantes, casas de jogo do bicho, pequenas oficinas de reparos gerais, etc.

A feira de São Joaquim nasceu enquanto uma feira móvel e teve sua trajetória iniciada com a Feira do Sete, assim chamada porque ficava ao lado do sétimo armazém das Docas. Os produtos, como farinha, cerâmica, frutas e artesanatos, vinham do Recôncavo Baiano em saveiros. A prefeitura, na época controlava para que não se estabelecessem pontos fixos, mas, com o tempo, foi inevitável. A Feira do Sete terminou por transformar-se na Água de Meninos, cujo crescimento espontâneo marcou a diversidade das instalações (JÚNIOR, 2006).

Já naquele período inicial a feira possuía como uma das suas marcas a afluência dos turistas, atraídos pelas “especiarias” locais e pela presença da cultura de origem africana, evidenciada das mais diversas formas, a exemplo da sua influência no

artesanato local e na comercialização de produtos utilizados nas religiões de matriz africana. Como comenta Júnior (ID, 2006), a proximidade do cais e a localização na enseada formada pela Baía de Todos os Santos, que permite a que os produtos comercializados cheguem sem interferência de atravessadores, proporcionando preços mais acessíveis foi, sem dúvida, um estímulo ao crescimento da Feira. Em uma síntese da evolução da feira esse autor ressalta:

Incendiada em 1964, a Feira foi transferida “provisoriamente” por 30 anos segundo documentos oficiais, para a enseada de São Joaquim. Como Termo de Cessão para ocupação da área foi assinado pelas Docas, pela Prefeitura Municipal de Salvador e pelo Sindicato dos Feirantes e Ambulantes da Cidade do Salvador, a administração ficou sob a tutela deste último sem que nenhum documento oficial lhe atribuísse essa função. Ao longo do tempo, o Sindicato foi perdendo gradativamente o controle que anteriormente exercia, devido a sua incapacidade administrativa, haja visto não ser próprio deste tipo de instituição, gerenciar empreendimentos como a Feira (JÚNIOR, 2006).

A Feira de São Joaquim situada entre Baía de Todos os Santos e a Avenida Oscar Pontes, no bairro do Comércio, ocupa uma área de 34 mil m². A regulamentação da ocupação desse espaço se deu em 12 de outubro de 1964, em acordo assinado entre a Prefeitura de Salvador, a Capitania dos Portos, a Companhia das Docas da Bahia (Codeba) e o Sindicato dos Feirantes.

A feira tem função comercial. Atualmente a ocupação das quadras da Feira não segue um padrão específico de mercadoria, entretanto, ainda podemos perceber que existe a predominância de alguns produtos em determinadas quadras, como por exemplo: rua principal - produtos utilizados no Candomblé e Umbanda, mais de 30 barracas; quadra 5, também ocupada por produtos utilizados no Candomblé e Umbanda, além de artigos de vestuário; nesta quadra estão situadas cerca de 20 a 25 barracas; quadra 6 - Porto da Cana; quadra 7 e 8 - carne e, ao fundo um galpão de verduras e frutas; na quadra 8, localizada no sentido oeste, também existe um galpão de quiabos, área de carga e descarga de caminhões.

Os comerciantes, em sua maioria, são pessoas de baixa escolaridade. Salienta-se que 75% terminaram o 1º grau, 20% concluíram o 2º grau, e apenas 5% o 3º grau. A renda varia de acordo com o faturamento de cada barraca, entretanto, nos meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro o faturamento aumenta. A maior parte dos vendedores locais reside no subúrbio da cidade e uma pequena parcela mora em bairros como: Brotas, São Caetano, Boa Vista.

Parcela expressiva das mercadorias vem do interior do estado e uma pequena quantidade de outras regiões do Brasil; existem ainda muitos produtos fabricados na Capital.

A feira atende principalmente aos moradores de Salvador. Os clientes que a freqüentam são de diversos locais da cidade, de todos os níveis de renda. São pessoas que vão em busca de encontrar em um só lugar todos os produtos típicos da Bahia, e outros variados produtos com bons preços. A feira atende tanto pessoas que compram para o uso doméstico quanto consumidores que adquirem os produtos em atacado para revender.

A feira tem atraído turistas para conhecê-la, principalmente estrangeiros que querem vivenciar o cotidiano da cidade, passando o tempo em contato com a população residente, observando como se comportam e experimentando um pouco do dia a dia. Esse intercâmbio cultural para o estrangeiro é fascinante, por possibilitar a sua interação com as pessoas do local que estão visitando.

3. A Feira de São Joaquim como patrimônio

A feira está em pleno processo de obtenção de título de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Enquanto aguarda a finalização do processo, a Feira de São Joaquim é alvo de um plano de reordenamento elaborado pela Prefeitura Municipal de Salvador. O plano tem o objetivo de requalificar a Feira de São Joaquim, contribuindo

para sua salubridade, higienização e acessibilidade, respeitando suas características históricas e culturais de feira livre.

Segundo Lopes (2006), a Associação dos Feirantes, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), o Sindicato dos Engenheiros, a Fundação Cultural Palmares e a Secretaria Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), estão empenhados no projeto de tombamento da feira de São Joaquim como bem cultural de natureza imaterial. Esse autor comenta que além do tombamento, o estudo efetuado por essas instituições propõe alternativas para o local a fim de melhorar a locomoção das pessoas, o armazenamento de produtos e mercadorias, o saneamento básico e outras questões que visem à conservação de um dos mais importantes patrimônios baianos.

A preservação da identidade cultural do espaço é de fundamental importância, no entanto os órgãos competentes devem impor condições de higiene e salubridade para que barraqueiros possam permanecer em São Joaquim. As perspectivas de intervenção no local visam oferecer segurança e conforto às 7.500 pessoas, entre elas feirantes, ambulantes, carregadores e os mais de dez mil frequentadores diários da feira.

A feira traz lembranças saudosas do passado, o aconchego das pessoas simples, o seu calor humano, sem impedir que os luxuosos supermercados proliferem oferecendo conforto e comodidade àqueles que os procuram em busca de produtos melhor acondicionados e propícios para o consumo.

Na cidade há lugar para um e outro. Que eles coexistam pacificamente, cada um a seu modo, porém mantendo intocados o patrimônio e as características da velha, mestiça e lendária capital baiana. Por tudo isso, são justas as proposições para o seu tombamento.

4. A feira na visão do setor público

Na visão dos setores públicos a feira ainda é muito precária, muitos ainda não a consideram como um atrativo turístico. Ao longo do processo de elaboração desse artigo, essa realidade pode ser verificada através da aplicação de questionários e da visita aos organismos gestores do turismo baiano e de Salvador, a Empresa de Turismo de Salvador - Emtursa e a Empresa de Turismo da Bahia - Bahiatursa. Na primeira, o Sr. Leonardo Galeão, ao ser abordado, alegou desconhecer a feira e, portanto, não encontrar-se em condições de responder ao questionário. O representante da Emtursa possui, entretanto, material promocional do órgão que continha uma pequena informação sobre a mesma:

A Feira de São Joaquim está localizada na região da Cidade Baixa e possui uma diversidade de produtos comercializados no local. Encontram-se ali especiarias da culinária baiana, frutas típicas, bebidas, artesanato e artigos do candomblé como: patuás, folhas, para banhos de descarrego, amuletos dentre outros itens (EMTURSA – Empresa de Turismo S/A. 2005, P.18).

Em entrevista realizada a Aline Zorthéa, representante do Departamento de Planejamento e Marketing (DEPLAM) da Bahiatursa, foi evidenciado que o órgão não possui nenhum vínculo com a feira e na sua visão este centro de comércio não representa um produto turístico. Ainda conforme Zorthéa, o trabalho desta empresa pública é fazer a promoção da cidade em outros estados e fora do país, apresentando seus atrativos turísticos, e é função da municipalidade, no caso a Emtursa indicar para a Bahiatursa o que eles consideram como atrativo a ser divulgado. Ressaltou que até aquele momento não tinha conhecimento de que a feira possuía algum tipo de vínculo com o órgão que representa. Comentou ainda que a feira pode ser usada eventualmente pelos turistas, mas isso não faz dela um atrativo, que ela continua tendo a função de centro de abastecimento comercial.

Já na Secretaria de Cultura e Turismo, a assessora Dalva Garcia Santana demonstrou bastante interesse pela pesquisa, porém, revelou não ter conhecimento de que as agências/operadoras estejam comercializando o roteiro Feira de São Joaquim. Conforme a Sra. Dalva, a feira, dentro de um nicho de mercado, é um produto potencial, tanto assim que foi objeto de estudo de estudantes do FEAT (Fórum de Estudos Avançados em Turismo). Disse ter conhecimento de que a feira possua projetos/propostas de melhorias, mas que não sabe detalhes sobre isso, e que o órgão em que trabalha não tem ligação direta com a feira, sendo a Prefeitura Municipal a responsável pela gestão deste espaço.

Ainda segundo a Sra. Dalva Santana a feira é um atrativo turístico, pois expressa a cultura local, inclusive na comercialização de seus produtos típicos, e é em busca disso mesmo que cada vez mais turistas, em sua maioria de origem estrangeira, têm colocado a feira em seus roteiros na cidade. Santana considera que o relacionamento entre turistas e feirantes pode ser conflituoso, porque esse feirante não é conscientizado sobre a forma de tratamento e quanto à necessidade de não “exploração” do turista. Ressalta que o feirante deve ser capacitado para atendimento ao cliente.

Na visão da entrevistada, o perfil da comunidade que frequenta a feira é a população de baixa renda e de baixa escolaridade, moradores, em sua maioria, do subúrbio e da periferia da cidade do Salvador. As outras camadas da população não a frequentam, dentre outros motivos, devido à desconfiança para com a limpeza e origem dos produtos, o que prejudica a opção de compra nesses locais, além da questão da segurança.

Sra. Dalva diz conhecer o projeto de tombamento da feira, mas informa que não o analisou, embora acredite que o tombamento contribui para preservar o espaço se forem adotadas medidas necessárias, tanto por parte do setor público quanto do privado. A assessora da Secretaria de Cultura e Turismo acha interessante que a feira seja reformada, desde que não se descaracterize e que haja uma participação efetiva dos feirantes nas decisões da reforma. Algumas de suas sugestões para melhoria são:

movimentos coletivos dos feirantes no sentido de buscar junto a Prefeitura uma prioridade nos investimentos necessários; planejamento participativo de forma a que todos possam acompanhar a execução das obras, organização da gestão da feira, de modo a contribuir com a melhoria dos negócios existentes, cobrando inclusive responsabilidade na sua operacionalização, como centro de abastecimento e espaço turístico cultural. Ainda na sua visão, a grande questão é o equilíbrio entre as finalidades, ou seja, o cumprimento da missão de centro de abastecimento e espelho do caldo cultural da Bahia, e, ao mesmo tempo, o cuidado com os pontos negativos, dentre os quais destaca-se a ameaça de padronização quando ocorrer investimentos para reformas.

Além dos organismos públicos citados, realizou-se também entrevistas com o Sindicato dos Feirantes, representado pelo seu administrador, o Sr. João Prazeres, que afirmou ter conhecimento de que, já há algum tempo, algumas agências/operadoras de eventos comercializam o roteiro feira de São Joaquim para os turistas. Em sua opinião o governo não percebe a feira como produto turístico. Tem conhecimento que há um projeto de melhoria da feira, incluindo a padronização dos box, barracas, higiene e qualificação do pessoal. Comenta ainda que a única participação dos órgãos públicos é na cobrança das taxas como IPTU e que os impostos pagos são altos. Diz que o responsável pela feira é a Prefeitura, e que além dessas taxas, os comerciantes ainda têm que assumir os custos com água, luz, gasolina, etc.

João Prazeres entende como sendo importante a feira se constituir em um atrativo turístico, pois assim ocorre divulgação, atraindo mais turistas, que vêm à procura de vivenciar o cotidiano tradicional da cidade. Segundo o administrador do Sindicato, a visão do turista quando conhece a feira é de um espaço desorganizado e sem estrutura. Ressalta que o único conflito que pode haver entre turistas e feirantes é em relação ao idioma.

Distintamente de Santana, Prazeres informa que todos os tipos de classes sociais freqüentam a feira, do mendigo ao rico. Ressalta que muitos não têm nível superior e que a questão da renda não é um ponto decisivo na procura por este espaço.

Considera que a feira já seja patrimônio cultural, e que a preocupação não deve ser mais com o tombamento, porém, com a entrega da sua escritura aos feirantes. Acredita que a obtenção do título concedido pelo IPHAN seja bom para a feira, para preservar o espaço, sem descaracterizá-la. Ele propõe reformas na estrutura metálica, drenagem de esgoto, asfalto nas ruas, mármore nas travessas. Avalia como ponto positivo a interação do comércio da feira com a atividade turística.

5. Considerações finais

A feira de São Joaquim na condição de centro de abastecimento comercial da capital e de centro turístico da cidade precisa de muitas melhorias, principalmente no que se refere à higiene, segurança e saúde.

É necessário que o governo encare a feira realmente como um patrimônio histórico cultural da cidade, que revela o comportamento da população em seu dia-a-dia, os seus hábitos, vestuário, formas de tratamento, de comunicação. Todo esse conjunto de comportamento compõe um código da feira, que só quem a conhece pode decifrar.

A feira já atravessou vários momentos e com o passar do tempo vem seguindo as tendências de modernização das feiras livres, apesar disso, ainda convive com muitos problemas. Um dos mais apontados foi a falta de banheiros públicos; atualmente só é encontrado um sanitário público em todo o espaço da feira. Este centro de comércio carece também de um posto de saúde que atenda pelo menos os primeiros socorros básicos, necessita de cobertura para as barracas, de um local melhor para estoque e controle da higiene, principalmente dos alimentos.

Podemos perceber que a atenção do governo para com a feira ainda é muito restrita. Faz-se necessária a adoção de medidas mais eficazes, ou melhor, torna-se preciso que as propostas de melhorias que foram definidas entrem em vigor, que saiam do papel e sejam colocadas em prática.

Os órgãos públicos precisam dar mais atenção a feira, considerando-a um atrativo turístico, que já está sendo comercializado por agências e operadoras e cada vez mais procurado por turistas interessados em viver o cotidiano cultural dos soteropolitanos.

A feira tem um grande potencial turístico, mas é preciso que se adotem medidas, em prol da sua mais ampla possibilidade de utilização pelo turismo, como instruir os feirantes em como tratar os estrangeiros, como interagir sem que eles se sintam obrigados a manter uma relação que não os agrada, que preços devem ser praticados. Só com um trabalho de conscientização é que o turismo realmente poderá vir a prosperar nesse local.

A Feira de São Joaquim é sem dúvida, um patrimônio cultural da Bahia. Bem verdade que o espaço carece de melhoramento em sua infra-estrutura, envolvendo saneamento, sistemas de armazenamento de produtos, conservação e melhores condições de mobilidade nas vias. Essas melhorias têm uma importância inegável para o melhor aproveitamento desse patrimônio, seja por parte dos turistas ou da população local.

6. Referências Bibliográficas

HARVARD BUSINESS REVIEW BOOK. **Comunicação eficaz na empresa: como melhorar o fluxo de informações para tomar decisões corretas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MORIN, Edgar. O método IV: as idéias – a sua natureza, vida, habitat e organização. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.

_____. **O método I: a natureza da natureza**. Portugal: Publicações Europa-América, 1977.

PRETTO, Clea Beatriz Macagnan. **A auto-organização do sistema cultural sindical, através do processo comunicacional negocial**. Manaus: 2000. (XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação).

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Endereços eletrônicos:

JÚNIOR, E. Edson Júnior, A Feira de São Joaquim. Geo Bahia – www.geobahia.hpg.ig.com.br, acesso em: 31/05/2006.

LOPES, L. Luiz Carlos Santos Lopes. Feira de São Joaquim pode virar patrimônio cultural da Bahia. Centro de Mídia Independente – www.midiaindependente.org, acesso em: 31/05/2006.

LUZ, M. Márcia Ferreira Luz. São Joaquim é um pequeno universo de Salvador. Correio da Bahia – www.correiodabahia.com.br, acesso em: 31/05/2006.

Entrevistas:

SANTANA, D. Dalva Santana: depoimento [maio 2006]. Entrevistador: Jéssica Viegas. Salvador: [S.n.], 2006.

PRAZERES, J. João Prazeres: depoimento [maio 2006]. Entrevistador: Jéssica Viegas. Salvador: [S.n.], 2006.

ZORTHÉA, A. Aline Zorthéa: depoimento [maio 2006]. Entrevistador: Jéssica Viegas. Salvador: [S.n.], 2006.

GALEÃO, L. Leonardo Galeão: depoimento [maio 2006]. Entrevistador: Jéssica Viegas. Salvador: [S.n.], 2006.